

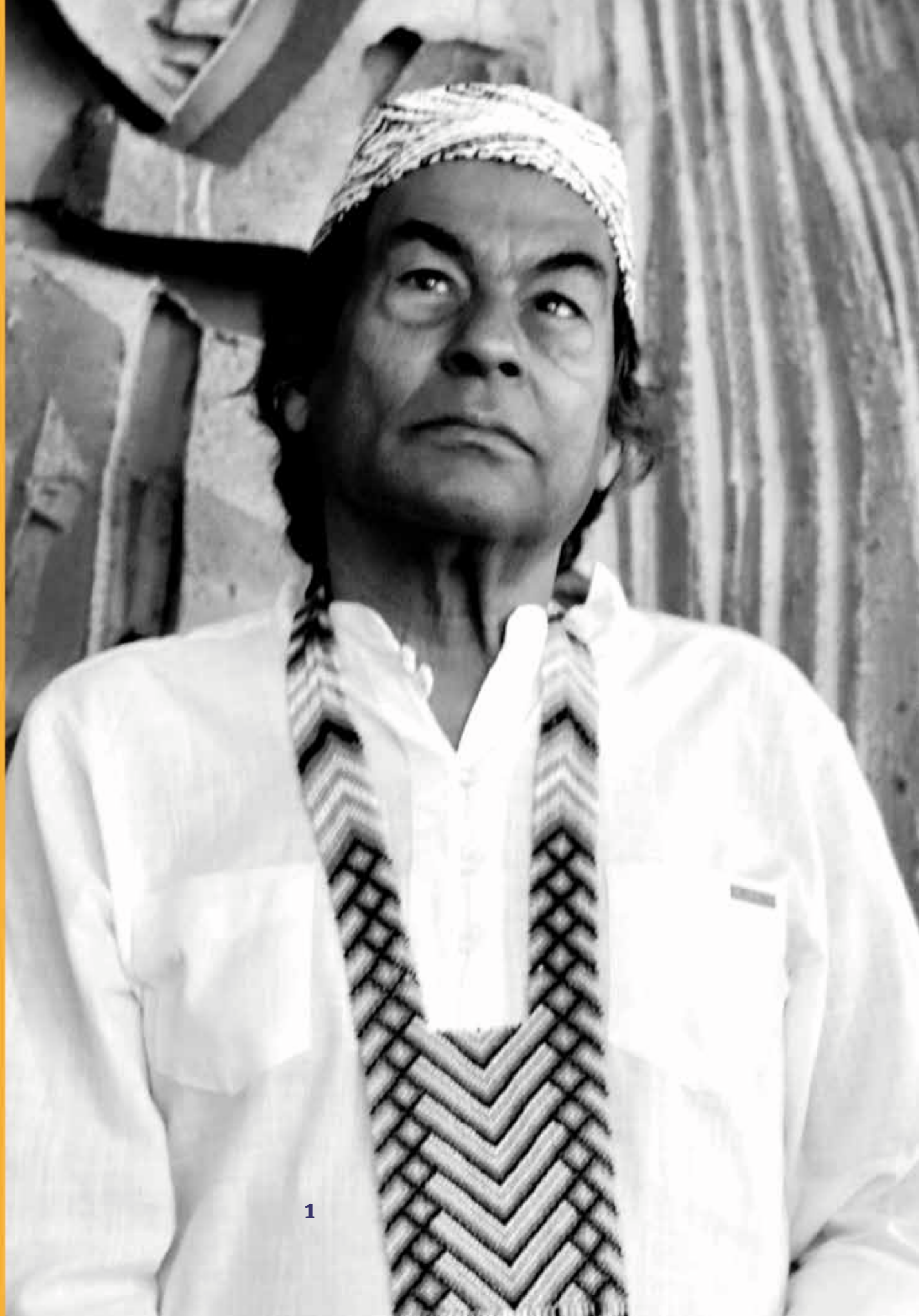
Nossa América

Ailton Krenak
Suspende o céu

Cidades imaginadas
Assentamentos e
fantasmagorias

Vallandro & Poty
Memorial em cartuns

nº 64





CAPA Foto de Ailton Krenak no Memorial da América Latina

Design | Rafael Bezerra

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcício de Freitas
Governador do Estado de São Paulo

Marília Marton
Secretária de Estado de Cultura,
Economia e Indústria Criativas

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

CONSELHO CURADOR

Almino Monteiro Álvares Afonso
Presidente do Conselho

Marcelo Fernandes Pereira
Vice-presidente do Conselho

Marília Marton
Secretária de Cultura, Economia e
Indústria Criativas do Estado de São
Paulo

Vahan Agopyan
Secretário de Ciência, Tecnologia e
Inovação do Estado de São Paulo

Antonio José de Almeida Meirelles
Reitor da Universidade Estadual de
Campinas – UNICAMP

Carlos Gilberto Carlotti Júnior
Reitor da Universidade de São Paulo –
USP

Pasqual Barretti
Reitor da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
– UNESP

Marco Antonio Zago
Presidente da Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado de São Paulo –
FAPESP

Max Perlingeiro
Membro do Conselho

DIRETORIA EXECUTIVA

Pedro Mastrobuono
Diretor-presidente

Roberto Bertani
Diretor do Centro Brasileiro de
Estudos da América Latina

João Carlos Corrêa
Diretor de Atividades Culturais

Lucas Jordão Cunha
Diretor Administrativo e Financeiro

NOSSA AMÉRICA 62

Conselho editorial
Eduardo Rascov, João C. Corrêa,
Margarida Maria K. Kunsch,
Milton F. M. Lautenschlager,
Pedro Mastrobuono
e Roberto Bertani.

Diretor
Roberto Bertani

Editor
Eduardo Rascov

**Edição, redação, preparação de
textos e revisão**
Eduardo Rascov e Maristela Debenest

Projeto gráfico
Rafael Bezerra

Pesquisa iconográfica
Eduardo Rascov e Maristela Debenest

Produção
Maristela Debenest, Raiane Kely
Carvalho Félix e Teresa Cristina
Carraro Abbud

Textos
Eduardo Rascov, João C. Corrêa,
Maristela Debenest, Pedro
Mastrobuono e Roberto Bertani.

Os textos são de total
responsabilidade dos autores, não
refletindo o pensamento de *Nossa
América/ Nuestra América*

Proibida a reprodução
do conteúdo da revista.

NOSSA AMÉRICA/ NUESTRA AMÉRICA
publicação da Fundação
Memorial da América Latina

Redação: Av. Mário de Andrade, 664,
Barra Funda, São Paulo, SP, Brasil.
CEP 01156-001

Tel. 55 11 3823-4600
www.memorial.org.br
ISSN 0103-6777



**Acesse esta e outras
publicações do Memorial**



[/memorialamericalatina](https://www.facebook.com/memorialamericalatina)



[@memorialdaamericalatina](https://www.instagram.com/memorialdaamericalatina)



memorial.org.br

As fontes utilizadas na
composição da revista são
Merriweather e Butler.

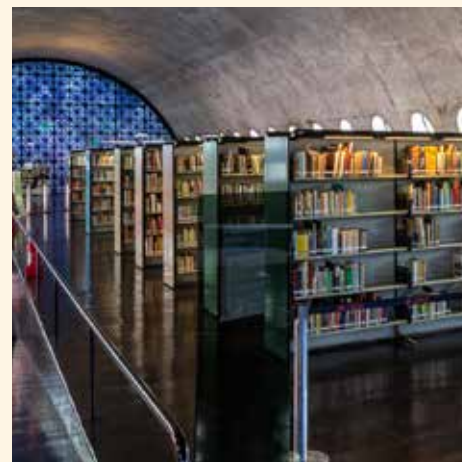
Janeiro de 2025



4 Editorial



6 Um espaço de encontro e reflexão



12 Fomentando o conhecimento sobre a América Latina



14 Ponte entre os povos



16 As poéticas do existir de Ailton Krenak

Editorial

A *Nossa América/Nuestra América* tem sido publicada ininterruptamente desde março de 1989, quando o Memorial foi inaugurado.

Editada pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, a revista foi concebida pelo antropólogo e educador Darcy Ribeiro para promover o diálogo cultural entre os latino-americanos de fala portuguesa e de *habla castellana*. Para tanto temos a edição de *Nossa América* na língua de Camões e *Nuestra América* na língua de Cervantes. Ambas em papel. A publicação é enviada pelo correio a uma lista de intelectuais, artistas e personalidades do mundo cultural. E pode ser adquirida gratuitamente na nossa biblioteca. Sem contar que ambas são acessadas livremente pelo *site* do Memorial.

Isso só o Memorial faz. E o faz há 35 anos. A edição que o leitor tem em mãos justamente comemora o percurso desta fundação, de aprendizagens, acertos e erros que deixaram lições. Convidamos os diretores da casa para contar o que tem sido feito de mais relevante; e o cartunista José Alberto Lovetro, o JAL, para narrar com cartuns bem-humorados a história do Memorial. Como presidente da Associação de Cartu-

nistas do Brasil, JAL pode articular artistas de todas as latitudes para homenagear esta instituição que sempre acolheu os projetos ligados à arte do desenho.

“O centenário de Poty e as matrizes étnicas do povo” é o título da matéria escrita pela decana do Memorial, Maristela Debenest, sobre o grande Napoleon Potyguara Lazarotto, que nasceu em 1924, em Curitiba, e nos legou três lindos painéis no Salão de Atos Tiradentes. Outro artista cuja obra é lembrada nesta edição é Vallandro Keating, falecido no ano passado. O arquiteto Ciro Pirondi homenageou o antigo companheiro da Escola da Cidade pois, como ele diz, “nestes tempos em que o desenho digital tem sido a única forma da expressão gráfica arquitetônica, Vallandro e seus desenhos nos fazem falta”.

Talvez o maior destaque desta edição de *Nossa América* seja a entrevista que o pensador Ailton Krenak concedeu ao editor da revista, Eduardo Rascov. A conversa se alongou em torno de temas como xamanismo, história indígena, literatura, América Latina e humanidade. Ou humanidades, como quer Ailton. E o que é melhor, ele ensinou uma fórmula ancestral para superar as dificuldades contemporâneas. Como?

Será preciso ler a matéria até o fim, mas posso adiantar que é “suspender o céu” cantando e dançando.

Não menos importante é o bloco da revista que fala sobre as cidades imaginadas da América Latina. O filósofo colombiano Armando Silva explica o método que criou para detectar o imaginário dos cidadãos em relação às cidades em que moram. Por detrás, uma discussão riquíssima sobre o que é ser latino-americano. O tema da identidade também foi investigado pelo jovem artista Pedro Matias. Ele percorreu lugares na metrópole paulista em que a presença do homem e da mulher de pele negra foi apagada e, por meio da arte fotográfica e da poesia, liberta uma fantasmagoria latente na maior cidade da América Latina.

Por último, mas não menos importante, outro jovem, o pesquisador Gabriel Rocha da Silva, reflete sobre os conceitos de identidade em disputa no Caribe. E apresenta o feliz “pensamento arquipélago” de Édouard Glissant, cujas “poéticas da relação” são “uma busca por interconexão e totalidade, mas de forma que não deixemos de fora nenhum componente do mundo...” Boa leitura.

Pedro Mastrobuono
Presidente da Fundação
Memorial da América Latina





Um espaço de encontro e reflexão

Nos 35 anos do Memorial, o presidente Pedro Mastrobuono relembra dos primeiros contatos com Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro e ressalta as realizações e os planos para o futuro da instituição que se tornou símbolo maior da integração dos povos latino-americanos

Nossa América: Inicialmente, gostaria de saber sobre sua relação com o tema da integração latino-americana e com o próprio Memorial da América Latina antes de ser presidente. Lembra da sensação quando pisou pela primeira vez no conjunto arquitetônico criado por Oscar Niemeyer?

Pedro Mastrobuono: Minha primeira relação com o Memorial da América Latina ocorreu quando trabalhei como assessor técnico procurador no Tribunal de Contas do Estado de São Paulo (TCE-SP) por sete anos. Naquela época, o Tribunal analisava as contas do governador Orestes Quéricia, e a construção do Memorial gerava intensas discussões nos corredores da instituição. Como o terreno originalmente pertencia ao Metrô, havia certa confusão sobre o que exatamente estava sendo construído, com muitos acreditando que as obras eram relativas à estação de metrô adjacente ao Tribunal. Foi necessário dissecar e explicar o conceito do Memorial da América Latina, uma instituição que nascia com objetivos culturais, sociais e políticos muito específicos, para que o órgão de controle pudesse avaliar adequadamente as contas de construção e edificação. Este foi meu primeiro contato com a gênese do Memorial, mediado pelo trabalho no Tribunal.

O segundo aspecto que me conecta ao tema da integração latino-americana é pessoal: morei por quase sete anos em Lima, no Peru, com minha família. Meu pai ocupava um cargo vitalício na Junta do Acordo de Cartagena, uma das primeiras iniciativas de integração sul-americana, focada em questões tarifárias e na promoção do comércio comum entre os países da região. Cresci ouvindo discussões sobre a integração latino-americana em casa, e esse tema, profundamente enraizado na minha história pessoal, moldou minha percepção sobre a importância de projetos como o Memorial da América Latina, que representa simbolicamente essa busca por união.

NA: Um dos aspectos da genialidade de Oscar Niemeyer é a forma como ele incorpora a obra de arte na arquitetura. Gostaria que o senhor falasse dessa relação (obra de arte/arquitetura) no Memorial da América Latina.

PM: Tive o privilégio de conhecer Oscar Niemeyer levado pelas mãos do meu pai, em encontros memoráveis no Hotel Ca'd'Oro, em São Paulo, onde ele gostava de almoçar e saborear o típico prato italiano *bollito*. Nessas ocasiões, tive a oportunidade de ouvir relatos fascinantes sobre sua visão de mundo e sua colaboração com líderes como Juscelino Kubitschek. Em uma dessas conversas, foi mencionado que desde a concepção de Brasília, a intenção era transmitir ao mundo que o Brasil era um país

onde o processo decisório da nação estava intimamente ligado à valorização da arte e da cultura. Lembro-me de uma história contada pelo escultor Bruno Giorgi, também amigo do Alfredo Volpi, na qual ele relatava um diálogo com Juscelino e Niemeyer. Bruno expressava sua visão de que Brasília se tornaria uma futura Atenas, um símbolo de um povo que une decisões políticas à sua expressão artística e cultural.

Essa mesma filosofia está presente no Memorial da América Latina. Niemeyer concebeu o Memorial como um espaço onde não apenas os futuros do Brasil, mas também os desafios e as esperanças compartilhados pelos povos latino-americanos seriam debatidos, sempre com a arte e a cultura ocupando um papel central. Quem observa o Memorial percebe semelhanças claras com Brasília, especialmente na relação entre os espaços de decisão e os elementos artísticos. O Salão de Atos Tiradentes, por exemplo, com sua grande mesa de negociações bilaterais, conecta-se a um parlatório que se abre para um espelho d'água, ladeado pela imponente Praça Cívica, com capacidade para 20 mil pessoas. Esse arranjo remete à Praça dos Três Poderes em Brasília, com seu parlatório no Palácio do Planalto, cercado pelo espelho d'água e edifícios que também abrigam obras de arte.

Há ainda um detalhe simbólico e poético: o espelho d'água do Memorial da América Latina abriga uma escultura de Bruno Giorgi, o mesmo artista cuja obra *Meteoro* está no espelho d'água do Itamaraty, em Brasília. Esses elementos são testemunhos da genialidade de Niemeyer, que uniu arquitetura, arte e cultura em um espaço concebido para integrar povos e promover reflexões.

NA: Sei que o senhor é um estudioso e um admirador de Darcy Ribeiro, esse "inventor de instituições". Gostaria que o senhor falasse do legado do antropólogo para o Memorial da América Latina.

PM: Minha admiração por Darcy Ribeiro é profunda e tem raízes tanto familiares quanto profissionais. Durante o governo do presidente João Goulart, meu pai, Marco Antônio Mastrobuono, desempenhou o papel de chefe de gabinete do ministro Expedito Machado na pasta de Viação e Obras Públicas. Ele era engenheiro civil especializado em transportes de massa e professor da Escola Politécnica da USP, reconhecido por sua expertise no setor. Quando o ministro deixou o cargo, meu pai assumiu interinamente o ministério, tornando-se, aos 28 anos, um dos mais jovens a ocupar tal posição na história da República. Nesse mesmo governo, Darcy Ribeiro também exercia um papel de destaque, compartilhando a visão de um Brasil comprometido com a integração e o progresso social.





Em uma dessas conversas, foi mencionado que desde a concepção de Brasília, a intenção era transmitir ao mundo que o Brasil era um país onde o processo decisório da nação estava intimamente ligado à valorização da arte e da cultura

Com o início do período militar de 1964, Darcy foi exilado e viveu em países como Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. Durante esse período, minha família morava em Lima, no Peru, em função do trabalho de meu pai na Junta do Acordo de Cartagena, uma iniciativa pioneira de integração sul-americana. Lembro-me de uma visita de Darcy à nossa casa quando eu era criança. Ele era uma figura fascinante, com sua fala rápida e apaixonada, que marcava profundamente todos ao seu redor, até mesmo uma criança como eu.

Nos anos 1980, Darcy idealizou os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), popularmente conhecidos como “Brizolões” no governo de Leonel Brizola. Esses centros revolucionaram a educação no Brasil, oferecendo ensino integral e acesso à cultura para crianças de comunidades vulneráveis. Mais do que isso, os CIEPs tornaram-se modelo para outras iniciativas na América Latina. Medellín, na Colômbia, por exemplo, utilizou conceitos semelhantes para reverter um cenário de violência extrema, investindo em educação, cultura e integração social, o que resultou em uma significativa redução da violência e no desenvolvimento da paz social.

O Memorial da América Latina é uma extensão do legado visionário de Darcy Ribeiro. Concebido por ele e projetado por Oscar Niemeyer, o Memorial simboliza a integração dos povos latino-americanos, promovendo o diálogo cultural e celebrando nossas identidades compartilhadas. A presença da arte como parte da arquitetura, exemplificada pela escultura de Bruno Giorgi no espelho d’água, reflete a crença de Darcy na conexão entre cultura, educação e transformação social. O Memorial é, acima de tudo, um espaço de encontro e reflexão, onde a diversidade e os desafios da América Latina podem ser discutidos à luz de uma visão de união e progresso.

NA: Quando o senhor assumiu a presidência do Memorial, como o encontrou e desde então quais foram as principais medidas para ajustá-lo à sua diretriz? Quais projetos o senhor gostaria de destacar nestes quase dois anos de gestão?

PM: Minha trajetória sempre esteve profundamente vinculada ao campo da museologia. Tive a honra de presidir várias instituições relevantes no setor, como o Instituto de Arte Contemporânea (IAC), ligado à USP, e a Associação dos Amigos do Museu de Arte Contemporânea (AAMAC), também da USP. Fui sócio fundador e presidente do Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna (IAVAM) e atuei como conselheiro e diretor do Projeto Leonilson, responsável pelo catálogo raisonné do artista. Além disso, fui o segundo presidente mais longo do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM),

uma autarquia federal responsável pela política pública para o campo museal no Brasil, e sou membro efetivo do ICOM, braço da UNESCO voltado à museologia.

Quando assumi a presidência da Fundação Memorial da América Latina, meu primeiro olhar se voltou para o Pavilhão da Criatividade, um museu extraordinário com mais de 4 mil obras de arte popular latino-americana, idealizado por Darcy Ribeiro. No entanto, percebi fragilidades significativas nos registros e no inventário do acervo permanente da instituição, que comprometiam sua conservação e gestão estratégica.

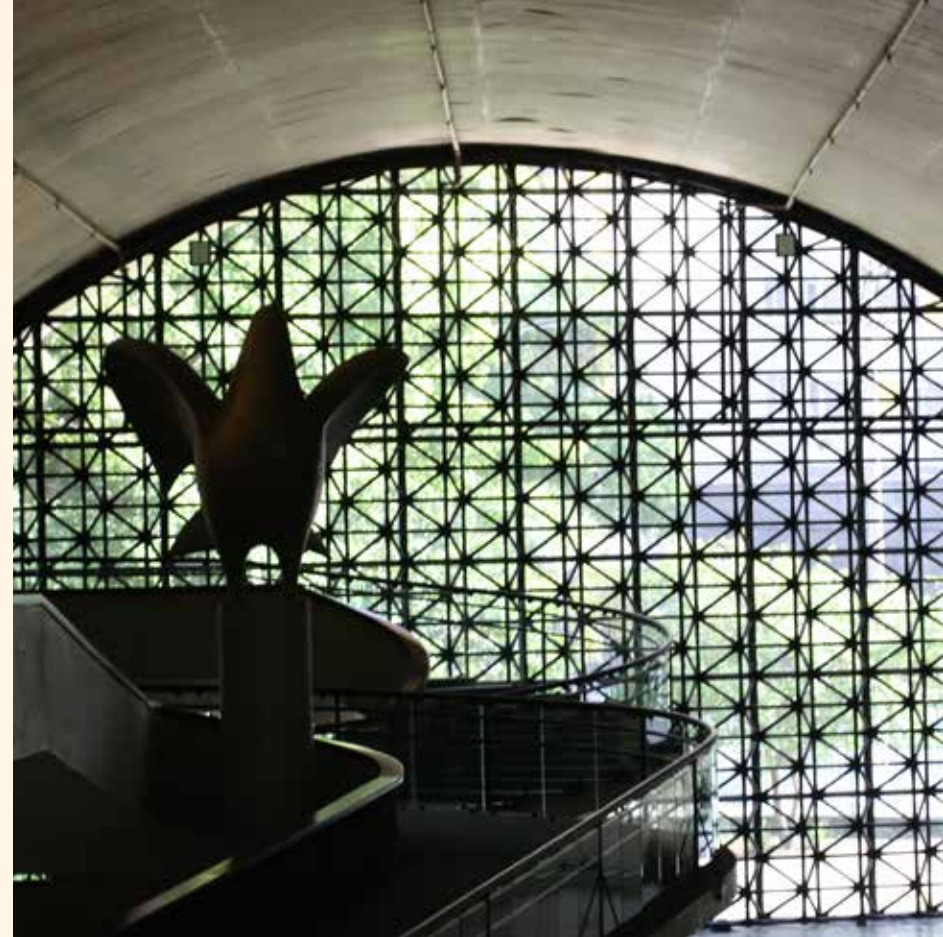
A primeira medida foi buscar financiamento para estruturar uma equipe de museologia e desenvolver um projeto de catalogação sistemática do acervo. Consegui, junto ao CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina), um financiamento de 100 mil dólares para esse projeto, que já está em andamento. O objetivo é realizar um levantamento detalhado de tudo o que compõe o acervo, incluindo o estado de conservação das obras e as necessidades específicas de armazenamento e preservação.

Esse trabalho nos permite planejar de forma estratégica a conservação e a ampliação do acervo. Com a catalogação, podemos identificar, por exemplo, o quanto precisamos investir em mapeotecas, unidades de armazenamento com controle de umidade ou iluminação, e quais peças estão aptas para exposição ou necessitam de restauração. É possível mapear as condições de conservação de materiais como tecidos, papéis e outros suportes, garantindo que o acervo esteja em condições adequadas para futuras parcerias, como empréstimos e exposições temporárias em outras instituições culturais.

Essa política de conservação é essencial não apenas para preservar o legado do Memorial, mas também para fortalecer o diálogo com outras instituições e integrar o Memorial em redes de cooperação cultural. Esse projeto de catalogação e a reestruturação do Pavilhão da Criatividade são algumas das ações que refletem meu compromisso com o fortalecimento da instituição e com a valorização do patrimônio cultural latino-americano.

NA: Poderia me falar sobre os planos concretos para o futuro do Memorial e sobre os objetivos de longo prazo e até, por que não, sobre os seus sonhos para o Memorial?

PM: Como gestor público, meus planos para o Memorial da América Latina incluem organizar e fortalecer diversos setores da instituição, começando pela regularização de sua documentação.



Outro plano importante é preparar o Memorial para pleitos internacionais, como sua candidatura a Patrimônio da Humanidade. Nosso objetivo não se limita ao reconhecimento da arquitetura icônica projetada por Oscar Niemeyer, mas também inclui o aspecto de ‘Memória da Humanidade’ em função da relevância cultural da nossa biblioteca

Minha experiência como gestor cultural no campo da museologia e como ex-integrante de órgãos de controle de gastos públicos tem me proporcionado uma visão abrangente das necessidades estruturais do Memorial.

Um ponto crítico que estamos abordando é a situação dos terrenos do Memorial, que até hoje não estão registrados no nome da Fundação Memorial da América Latina. Apesar de constarem nas matrículas como futuras doações, as propriedades ainda pertencem formalmente à empresa do Metrô e à CPTM. Por meio de uma série de reuniões e negociações, estamos avançando significativamente para formalizar essa transferência de propriedade, algo essencial para garantir maior autonomia administrativa e flexibilidade na gestão dos espaços. Essa regularização permitirá que futuras gestões tenham maior capacidade de desenvolver projetos estratégicos.

Outro plano importante é preparar o Memorial para pleitos internacionais, como sua candidatura a Patrimônio da Humanidade. Nosso objetivo não se limita ao reconhecimento da arquitetura icônica projetada por Oscar Niemeyer, mas também inclui o aspecto de “Memória da Humanidade” em função da relevância cultural da nossa biblioteca. Com mais de 50 mil itens, sendo pelo menos 7 mil deles raríssimos, a biblioteca do Memorial é um tesouro inestimável da produção literária latino-americana. Para que esses objetivos sejam alcançados, estamos avançando rapidamente na organização documental e estrutural da instituição.

Minha meta é deixar o Memorial da América Latina completamente preparado, atualizado e fortalecido, de modo que o próximo gestor encontre uma fundação com sua parte documental regularizada, sua autonomia assegurada e sua relevância cultural internacionalmente reconhecida. Esse é um sonho que estamos transformando em realidade, passo a passo, para que o Memorial continue a ser um símbolo de integração e de celebração da diversidade latino-americana.

NA: Como o senhor vê a América Latina hoje? A integração econômica, política e cultural ainda é um objetivo a ser seguido ou o mundo mudou muito?

PM: Eu sonho com uma Fundação Memorial da América Latina ocupando novamente o espaço de protagonismo que teve em seu momento de gênese. Nos primeiros anos da instituição, o Memorial abrigou o Parlamento Latino-Americano (Parlatino), uma organização internacional que debate questões fundamentais de integração e relacionamento entre os países da região. A

importância do Memorial era tamanha que o Itamaraty designou diplomatas residentes no próprio complexo, garantindo que todas as conversas bilaterais e multilaterais fossem monitoradas e respaldadas pelo governo brasileiro. Durante esse período, o Memorial também sediava uma organização internacional equivalente ao Inmetro, simbolizando sua relevância como ponto de encontro das lideranças latino-americanas.

Houve um tempo em que qualquer chefe de Estado latino-americano que visitasse o Brasil era recebido no Memorial, muitas vezes pelo próprio presidente da República. Esse protagonismo, que marcou os primeiros anos da instituição, é o que buscamos resgatar na atual gestão. Estamos reaproximando o Memorial dos 18 corpos consulares da América Latina e promovendo um ambiente de diálogos bilaterais e multilaterais mais intensos. Além disso, a Cátedra UNESCO, que funciona no Memorial por meio do nosso Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CBEAL), está passando por uma revitalização, com um aumento significativo no número de bolsas, pesquisadores e projetos acadêmicos.

A integração através da educação foi uma preocupação central de Darcy Ribeiro, e esse é um princípio que norteia nossa gestão. Como pós-doutor em antropologia social, conheço bem as ideias de Darcy, que via na educação uma ferramenta essencial para promover a união dos povos latino-americanos. Essa perspectiva está alinhada com outra figura fundamental na história do Memorial: André Franco Montoro. Enquanto concebia o Memorial, Montoro também desenvolvia, na USP, o Prolam (Programa de Estudos Latino-Americanos), acreditando que o desenvolvimento da região dependia de uma integração mais sólida. Sem isso, Montoro temia que os países latino-americanos permanecessem vulneráveis ao subdesenvolvimento.

O Memorial da América Latina, hoje, está se reencontrando com esses objetivos maiores. Nosso propósito é devolver ao Brasil e à América Latina uma instituição plena, efetiva e integrada, que possa ser novamente um motor de diálogo, troca cultural e desenvolvimento regional. A integração econômica, política e cultural continua sendo um objetivo essencial, e o Memorial está preparado para contribuir com essa missão, reafirmando sua relevância como um símbolo e ferramenta de união latino-americana.



Fomentando o conhecimento sobre a América Latina

Roberto Bertani *Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina traça um percurso sobre importantes contribuições do Memorial para a cultura latino-americana*

Ao longo de 35 anos, o Memorial da América Latina tem sido um espaço fundamental para difundir a arte, o pensamento e a cultura rica e diversa de nossos irmãos latino-americanos. Como diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), sinto-me profundamente conectado a essa missão, que vai muito além da preservação e produção de conhecimento: trata-se de fomentar o diálogo e valorizar a identidade de toda uma região.

O CBEAL é uma das principais diretorias do Memorial, dedicada à reflexão crítica e à divulgação das teorias e práticas culturais e sociais da América Latina. Por meio de nossas iniciativas – que incluem a Biblioteca Latino-Americana, o departamento acadêmico e uma série de publicações, como a revista semestral *Nossa América*, em circulação desde 1989 –, buscamos integrar e valorizar as vozes de nosso continente. Recentemente, passamos também a administrar o Pavilhão da Criatividade e a Galeria Marta Traba, fortalecendo ainda mais nossa atuação no campo das artes visuais com eventos marcantes, como as Bienais do Barro e de Graffiti Fine Art, além de exposições históricas de Portinari, Botero, Guayasamín e Juan Rulfo.

A Biblioteca Latino-Americana, ou “Bibla”, como a chamamos carinhosamente, é um dos grandes orgulhos do CBEAL. Seu acervo reúne cerca de 45 mil títulos, incluindo obras essenciais das ciências humanas, literatura, artes plásticas e patrimônio cultural. Além disso, possuímos um importante acervo audiovisual com mais de 3.500 itens, que documentam a vibrante produção cinematográfica da região.

Ao longo de nossa história, promovemos encontros inesquecíveis. Nos anos 1990, por exemplo, recebemos pensadores brilhantes, como Aníbal Quijano, Rodrigo



Também temos orgulho de incentivar a pesquisa acadêmica, especialmente com as bolsas das cátedras Unesco/Memorial e CBEAL. Esses programas, além de apoiar financeiramente pesquisadores, garantem a publicação de seus trabalhos em livros digitais

Montoya e Hugo Achugar, que comparilharam perspectivas inovadoras sobre as dinâmicas sociais e culturais de nosso continente. Em décadas mais recentes, ampliamos nosso escopo, oferecendo cursos sobre temas tão diversos quanto cinema, movimentos sociais e migrações, conectando o público a nomes de peso como José Goldemberg, Hernan Chaimovich, Carlos Romero e muitos outros.

Também temos orgulho de incentivar a pesquisa acadêmica, especialmente com as bolsas das cátedras Unesco/Memorial e CBEAL. Esses programas, além de apoiar financeiramente pesquisadores, garantem a publicação de seus trabalhos em livros digitais. Neste ano tão especial, celebrando o 35º aniversário do Memorial, tivemos o prazer de explorar temas como cinema, com a catedrática Ana Daniela de Souza Gillone, e a filosofia indígena, sob a liderança de Beatriz Perrone-Moisés. E no lançamento das bolsas apresentamos a palestra “Saberes Indígenas para o Século

XXI” do ambientalista e filósofo Ailton Krenak, que trouxe a sua perspectiva sobre o tema.

A produção editorial do CBEAL é outro destaque. Livros como *Memórias do subdesenvolvimento*, de Edmundo Desnoes, e o premiado *Knispel Retrospectiva 1950–2015* são exemplos de como tratamos cada publicação com um cuidado especial. E não poderia deixar de mencionar a revista *Nossa América*, um marco na divulgação cultural, distribuída para bibliotecas públicas e universitárias em toda a América Latina.

Estar à frente do CBEAL é, sem dúvida, um desafio estimulante. Mas é também uma imensa satisfação contribuir para a consolidação de um projeto tão relevante, que ao longo de seus 35 anos une a preservação do passado e a construção de um futuro mais integrado e solidário para a América Latina.

Roberto Bertani | Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL)



Ponte entre os povos

João Carlos Corrêa *Diretor de atividades culturais* relata os esforços do Memorial para promover e respeitar a riquíssima diversidade cultural da tapeçaria chamada América Latina

A valorização da cultura popular latino-americana como elo de união e identidade de nossos povos tem sido o foco central do trabalho da Diretoria de Atividades Culturais do Memorial da América Latina. Tratamos assim de resgatar e cumprir o projeto idealizado por Darcy Ribeiro há 35 anos. Nossas iniciativas e acolhimentos celebram, de maneira direta e indireta, a riqueza cultural de nossa ancestralidade, com ações e discussões públicas que visam combater a discriminação racial e religiosa, entre outras questões que afetam todos os povos do subcontinente.

Além disso, temos dedicado esforços para aproximar os consulados latino-americanos em São Paulo – e reforçar com eles parcerias em ações diversas para promover a cultura de cada um dos países. Muitas são iniciativas cruciais para ambientar imigrantes, turistas, refugiados – e também para pessoas provenientes de outras paragens, contribuindo para mitigar choques culturais. Gerimos um espaço onde todos podem celebrar suas tradições e se conectar com suas raízes, enquanto se integram à cultura brasileira.

Estamos em um equipamento público tombado pelos órgãos do patrimônio do Estado (CONDEPHAAT) e do Município (CONPRESP), o que requer cuidados ainda maiores com os espaços. Por isso, todas as atividades realizadas neles são supervisionadas por nossas equipes de produção, para assegurar que o patrimônio cultural seja respeitado e preservado, mantendo o padrão de excelência que nos fez reconhecidos. A cessão onerosa (ou locação) de nossos espaços é fundamental para prover nossa sustentabilidade econômica. Contudo, essa dimensão econômica não pode se sobrepor às dimensões simbólica e cidadã do Memorial, nem comprometer nossa missão maior, que é de promover a diversidade e o intercâmbio cultural.

No ano passado, o Guia editado pelo jornal Folha de S. Paulo distinguiu o Memorial com uma menção honrosa, destacando especialmente nossa capacidade de realizar shows e eventos para mais de 10 mil pessoas. No cenário de uma cidade com tantas opções culturais, essa distinção sublinha nossa contribuição para a economia criativa, o turismo, a ocupação hoteleira e a rede gastronômica do estado, refletindo uma cuidadosa curadoria. Cada evento deve estar alinhado à missão do Memorial, pois acreditamos que todos devem deixar um legado, uma reflexão ou uma provocação significativa.

A recente criação da revista *Memorial Cultural* também merece destaque. A publicação é um veículo importante para divulgar essas atividades e destacar seu reflexo na sociedade, reforçando nossa missão. Junto com a revista *Nossa América*, ambas publicações constituem valiosos meios para sistematizar e ampliar a comunicação da Fundação Memorial da América Latina com as áreas acadêmica e cultural latino-americanas.

Vale ressaltar também que em nossa gestão buscamos implementar estratégias inovadoras, como a criação de uma nova Gerência na Diretoria de Atividades Culturais especificamente para elaborar projetos para o Memorial. Buscamos ainda o alinhamento de nossas ações com políticas públicas do estado, fortalecendo o Memorial como catalisador de mudança e inclusão. Junto às demais diretorias, continuamos a buscar soluções inovadoras para assegurar que a cultura sirva como ponte entre os povos, inspirando futuras gerações a abraçar e celebrar nossa rica herança comum.

Ao refletir sobre o trabalho dos últimos anos, é evidente que o Memorial vem se consolidando como um espaço vibrante e inclusivo. Isso ocorre também pela estreita cooperação do presidente da instituição, o Dr. Pedro Mastrobuono. Sua liderança tem sido fundamental na revitalização de nossa


missão. Temos uma parceria baseada em amizade e respeito mútuos, que alicerça as iniciativas que promovemos.

Neste ano em que celebramos os 35 anos do Memorial, é essencial refletir sobre nossa trajetória e as ações que reafirmam nosso compromisso com a cultura latino-americana. No próximo biênio, nossa meta é deixar um legado ainda mais significativo, criar novas memórias e honrar a história da instituição. Quando concluirmos nosso trabalho, esperamos que o Memorial seja reconhecido não apenas por seu legado, mas também por sua capacidade de se reinventar e continuar a servir como ponto de convergência para a cultura e a diversidade latino-americanas.

Convidamos a todos, portanto, a vivenciar a grandiosidade do Memorial da América Latina, um complexo cultural que é um verdadeiro tributo à visão de Darcy Ribeiro e à genialidade arquitetônica de Oscar Niemeyer, símbolo de união e diversidade. Seus múltiplos espaços são uma celebração vibrante da cultura latino-americana, unindo história, arte e inovação. Neste local único, cada canto conta uma história e cada visita é uma jornada pela rica tapeçaria cultural da América Latina.

João Carlos Corrêa | Diretor de Atividades Culturais da Fundação Memorial da América Latina é especializado em jornalismo cultural e de entretenimento (Belas Artes, SP), e em gestão cultural e indústria criativa (PUC RJ).





As poéticas do existir de Ailton Krenak

Eduardo Rascov

Desde o início, o Memorial da América Latina se mostrou interessado nas questões e nos saberes indígenas, uma vez que foi Darcy Ribeiro que o concebeu. O antropólogo indicou como uma das fundadoras do Memorial a fotógrafa e especialista em arte popular Maureen Bisilliat, que havia trabalhado com os indígenas do Xingu. Por meio dela, as vivências e a arte de Cláudia Andujar e de Sebastião Salgado se fizeram presentes já nos primeiros anos. Naqueles primórdios, o Memorial concedia a grandes personalidades do mundo cultural e científico da América Latina um prêmio em reconhecimento por serviços prestados. O único brasileiro a receber essa premiação, em 1990, no valor correspondente a cem mil dólares, foi Orlando Villas-Boas por sua atuação como indianista. No ano seguinte, o Memorial organizou uma jornada de cinco semanas sobre a questão indígena brasileira, que resultou no livro *O índio – Ontem, hoje e amanhã – Dossiê do I Ciclo*, editado em parceria com a Edusp.

Inspirado por ele, o Memorial juntou-se à Unesco em 2019, no esforço de fomentar, produzir e promover atividades que chamassem a atenção para o problema das línguas indígenas ameaçadas de extinção. Essa iniciativa resultou numa exposição, em seminários e no livro *Línguas ameríndias – ontem, hoje e amanhã*, editado em 2020 por Eduardo Rascov, que conversa com o pensador indígena Ailton Krenak a seguir.

Em 2024 o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), deste Memorial, lançou um edital de pesquisa sobre o tema *Saberes indígenas para o século XXI*, sob a orientação da antropóloga Beatriz Perrone-Moisés, vice-coordenadora do Centro de Estudos Ameríndios, da Universidade de São Paulo. Ela orientou dez bolsistas, que receberam bolsas de mil e quinhentos reais cada um. Na abertura dos trabalhos dos bolsistas, na noite de 19 de setembro, na Biblioteca Latino-Americana, o conferencista foi o filósofo Ailton Krenak [*confira no canal do Youtube do Memorial*]. Um pouco antes, ele concedeu a entrevista que publicamos abaixo, na qual reflete sobre a América Latina e questiona a nossa própria humanidade.

Quanto ao entrevistado, dispensa apresentações. Basta dizer que é professor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora e autor da trilogia *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro ancestral* (2022), publicada pela Companhia das Letras. Em 2023, Ailton Krenak foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. Aos 71 anos, é um pensador fundamental, escritor consagrado, líder indígena e militante ambiental que se tornou referência mundial na resistência e na defesa do planeta Terra.

Eduardo Rascov: *Ailton, queria te mostrar primeiramente a edição anterior da Nossa América, que traz na capa o Manto Tupinambá.*

Ailton Krenak: Interessante [*manipulando a revista*]. Se você imaginasse uma pintura contemporânea em que um pincel marcasse as plumas, não conseguiria ser tão impressionante quanto essa foto do próprio Manto. Virou uma polêmica essa história do repatriamento do Manto Tupinambá. É uma história que está pairando sobre as nossas cabeças há muito tempo, a história do que os europeus levaram daqui para os seus museus...

ER: *Essas imagens de temas indígenas na revista são familiares para você?*

AK: Sim, algumas são. Vejo, por exemplo, que o Renato Soares fotografou um parente Yanomami que é pajé, porque esse adorno [*aponta com o dedo*] é usado quando eles vão fazer o ritual do *Xapiri*¹. Meu amigo Davi Yanomami², com quem eu convivo, vai me fazendo entender um pouco essas marcas: só um xamã põe tinta preta na testa e usa essa pluma com flores em cima do braço; tudo isso para criar um ambiente agradável. O Davi me disse que, se o pajé não ficar muito bonito, os espíritos não olham para ele. Davi levou três pajés da aldeia dele, que não falavam português, para abrir um curso de mestrado sobre sustentabilidade em territórios tradicionais. Era em um ambiente amplo da Universidade de Brasília. O Davi disse a eles em Yanomami que podiam performar naquele lugar. Eles olharam em volta, olharam o público... e responderam: “Isso está muito feio, o *xapiri* não vai descer aqui”. Os *xapiri* não são pessoas como nós; também não tem nada a ver pensar

¹ Falta nomenclatura em português para definir *xapiri*. Diz-se que são os “espíritos” da floresta. Há *xapiri* de todos os seres – de árvores, de bichos, de pedra, água, lua, sol, trovões... Os xamãs ou pajés são aqueles que os enxergam e tratam com eles.

² Davi Kopenawa Yanomami (1956), xamã, escritor, líder indígena e presidente da Hutukara Associação Yanomami.

que sejam espíritos. Não são espíritos, são outras potências, outras agências que nós não sabemos ainda nomear, mas que os pajés enxergam. A Cláudia Andujar representou-os numa foto maravilhosa, a comunhão do corpo humano com os *xapiri* naquelas luzes. O Davi falou que é assim mesmo, quando os *xapiri* se aproximam, criam um campo de luz em movimento e procuram nos humanos alguma beleza. Não adianta o humano ser bonzinho, tem que ser bonito. Com os *xapiri* não tem esse papo, essa ideia de bonzinho que o pensamento religioso ocidental tem – até esses painéis [*refere-se aos painéis de Portinari, Poty e Carybé do Salão de Atos Tiradentes, onde foi feita a entrevista*] expressam um pouco dessa ideia do bem e do mal. Tem que ter beleza, a floresta tem que ser bela: se a floresta ficar suja, ela se torna feia; se ela ficar feia, eles saem, fogem dela, abandonam o rio, a floresta...

ER: *Ailton, qualquer pessoa pode ter esse contato com os xapiri ou tem que ter um treinamento desde criança? O Davi Kopenawa fala no livro A queda do céu sobre o treinamento que o pajé recebe desde pequeno para aprender a sonhar. Você também tem essa iniciação de acordo com a cosmologia do seu povo?*

AK: Na verdade, se não tiver essa iniciação, você não vê nada... Olha, foi muito bom você ressaltar a cosmologia, porque só tem sentido falar de *xapiri* na cosmologia Yanomami, da mesma maneira que só tem sentido falar do *mama’e* na tradição Yawalapiti, Kamaiurá, na tradição do pessoal do Xingu, porque os *mama’e* são os espíritos com os quais eles lidam – espíritos... lá vem essa falta de termo...

ER: *Sim, essas entidades, vamos usar o termo entidades, elas transitam entre os seres humanos, os animais, as coisas e até mesmo entre as coisas produzidas pelo ser humano. O livro Línguas ameríndias – ontem, hoje e amanhã, que o Memorial lançou em 2020,*

fala de uma graduação ontológica, na qual transitam essas entidades que não são espíritos. Então, lá na floresta o cara ora é indígena, ora é onça, ora é árvore, ora é água...

AK: Sim, os próprios mantos, o título dessa matéria [*olha para a revista*] “mantos imantados” já é uma referência a essa transcendente presença de artefatos, de objetos imantados. A Gricéria Tupinambá, que foi peregrinar em sete museus europeus caçando mantos, disse que não estava fazendo isso como pesquisadora, mas como alguém que foi ocupada por seus ancestrais. Foram eles que a levaram para farejar onde é que estavam esses mantos. O engraçado é que, de todos que ela viu, o único que aceitou vir para o Brasil é esse que chegou. Os outros, não. É outra conversa para saber porque os outros não quiseram vir...

ER: *Você foi imantado em algum momento da sua vida também?*

AK: Olha, a história dos Krenak e dos botocudos, que são meus antepassados, tem uma trajetória tão acidentada... Quando Dom João VI chegou ao Rio de Janeiro com a família real, os colonos da região do Rio Doce estavam querendo tomar o território dos indígenas. Os indígenas resistiam. Eles abriam uma fazenda e nossos antepassados iam lá e botavam fogo na fazenda; eles levavam animais, os nossos avós iam lá e matavam os animais; eles faziam uma ponte, nosso pessoal ia lá e derrubava a ponte. Sabotavam eles. A gente acabava fazendo a defesa do nosso território. Aí uma comitiva foi a Dom João VI e disse: “a gente quer que o senhor faça uma guerra contra aqueles selvagens, porque eles são canibais, são bichos selvagens, matam nossa família, queimam nossa propriedade”. Dom João VI, atendendo esse pedido tão amoroso e gentil dos colonos, botou 40 regimentos militares na embocadura do Rio Doce, ocupando tudo quanto era afluente para que os indígenas não pudessem usar o corpo do rio, não pudessem pescar, caçar, cole-



***“A gente deveria
pensar numa
América Latina
onde a matriz
étnica indígena
inspirasse um
matriarcado”***

tar naquelas margens. Eles começaram a espremer a gente³... Já no final do século XIX, os botocudos foram considerados extintos. Darcy Ribeiro, no livro *Os índios e a civilização*, publicou uma prancha com os povos indígenas, as etnias que eram consideradas extintas, que deixaram de existir como sociedade e só existiam enquanto indivíduos, ou seja, podia existir um cara, uma família, mas não existiam mais como povo. Darcy incluiu os aimorés, que é outro apelido dos Krenak – são apelidos, botocudo é apelido... Aí, quando a gente virou o século XX, algumas famílias fugindo dos brancos, escondidas naquelas terras, foram se reunindo em torno de um chefe, uma figura muito expressiva e importante como o Raoni é hoje. Essa figura se chamava Capitão Krenak. Esse povo em torno dele virou os Krenak.

ER: *Tinha antepassado seu com ele?*

AK: Sim, evidentemente. Por volta de 1910, o Serviço de Proteção ao Índio, através do Marechal Rondon, iniciou o contato com aquelas famílias para protegê-las do assédio dos colonos, que já tinham tomado tudo e agora estavam literalmente aniquilando as últimas pessoas desse povo. Daí o Serviço de Proteção ao Índio ter criado uma reserva, que é onde eu vivo hoje com a minha família. Essa reserva foi inicialmente identificada em 1917 e demarcada em 1923. Essa história de demarcar terra indígena, nós fomos os primeiros, as primeiras famílias indígenas a entrar nesse enquadramento de índio em reserva. Ora, um povo indígena que vive dentro de uma reserva, vive confinado, controlado, vigiado, principalmente se ele for rebelde. Esse capitão Krenak foi confinado porque ele organizava ataques contra as fazendas...

³ Dom João VI decretou uma Guerra Justa contra os botocudos, chegando a oferecer um prêmio em dinheiro para cada par de orelhas com botoque capturado. Botocudo ou aimoré são nomes genéricos dados pelo colonizador aos povos de língua macro-jê que habitavam uma vasta região, do sul da Bahia a Minas Gerais, passando pelo Espírito Santo. Uma de suas características era o uso de botoques auriculares e labiais.

Ailton Krenak manuseia a edição número 62 da revista *Nossa América*, durante entrevista a Eduardo Rascov, no Salão de Atos Tiradentes.

Foto | Acervo do Memorial da América Latina



Ele morreu em 1927. Desse ano à década de 50 – eu nasci em 1953 – a gente sofreu duas invasões do nosso território com o propósito de genocídio, matar todo mundo. Os que sobreviveram fizeram sua formação à custa de todo esse sofrimento.

Pois então, a gente não deve idealizar que uma pessoa só pode ter aproximação com visões da sua ancestralidade seguindo um programa étnico – um programa que pode ser rastreado pela antropologia, pela etnografia. Eu acho é muito mais próximo daquela ideia de um sujeito com muito poder nesse mundo material que, de repente, despenca de algum lugar, bate a

cabeça, fica bonzinho e distribui a riqueza dele com os pobres. É um fenômeno que resulta de um acidente. A gente está mais próximo dessa situação, a gente passou por um grave acidente... Tem um livrinho, *Kuján e os meninos sabidos*⁴, que eu e a Rita Carelli lançamos na Bienal, minha primeira incursão em contar história para criança sem achar que a criança é boba. Porque tem gente que conta história para criança como se a criança não fosse capaz de organizar uma ideia com a outra. *Kuján e os meninos sabidos* é uma cosmovisão da

⁴ KRENAK, Ailton e CARELLI, Rita. *Kuján e os meninos sabidos*. SP: Companhia das Letrinhas, 2024. O mito contado por Ailton Krenak foi interpretado por Gilberto Gil na faixa “É tudo para ontem” do disco *AmarElo*, de Emicida, lançado em 2020.



etnia dos Burum, que são os Krenak, tão complexa quanto a *A queda do céu*. O livro narra que o criador do mundo estava entre nós, era íntimo da nossa comunidade, mas um dia enjoou da gente e sumiu. A gente não sabe o que aconteceu com ele e nem ele sabe o que aconteceu com a gente. Ele se foi para o cosmos. Um dia fora do tempo, teve saudade das suas criaturas: “O que será que aconteceu com aquela gente que larguei na Terra? Preciso voltar lá para ver no que eles se tornaram...” Aí ele organiza a jornada para vir ao mundo e se encontrar com as suas criaturas, mas pensa: “E se eles tiverem virado uns bichos muito perigosos, se tiverem virado monstros? Vou me disfarçar

num tamanduá e aportar lá na terra como bicho andando na mata”. Então ele desceu numa campina como tamanduá, bonito, folgado, quando escutou um grito: “Pega ele, pega ele!”. Viu um monte de gente com varas correndo. Reparou que aquele grupo de caçadores já tinha caçado muitos outros animais. E agora iam pegar ele. Quando estavam prestes a capturar o Kuján, o tamanduá, dois meninos gêmeos – Roti e Cati, que é você e eu – falam: “Nossos tios estão achando que é um bicho”, mas eles viam uma pessoa fugindo. Aí pediram aos tios: “Deixa a gente brincar com o Kuján?” Os tios responderam: “Ah, então vocês levem-no para a aldeia”.

Os meninos ficaram brincando com o tamanduá, que eles sabiam ser uma pessoa. Perguntaram: “Avô, o que você está fazendo aqui?” Kuján olhou para os meninos e falou: “Cuidado, os seus tios são muito perigosos, não deixem que eles me peguem”. Os meninos: “Não se preocupe, a gente vai cuidar de você”. Ficaram com ele, cuidaram dele, ouviram suas histórias. Foi Kuján que ensinou a esses meninos tudo o que é cultura. Os elementos da cultura desses antigos botocudos foram apreendidos escutando histórias desse avô, escondido dos adultos. Veja bem, o jeito de as crianças conhecerem a história é escondido dos adultos. Até que chega o dia de fazer a grande festa e os adultos perguntam: “Cadê aquele bicho que vocês foram brincar? Tragam para a fogueira, tragam para o churrasco”. Os meninos falam para Kuján: “Avô, nós vamos fazer a sua fuga”. Um deles sai pelos fundos da maloca, escolhe a maior barraca de suprimentos da aldeia e taca fogo. Todo mundo corre para lá. O outro irmãozinho pega o avô, sai pelos fundos e dá fuga para ele. De longe os meninos acenaram para Kuján no meio da fumaça e gritaram: “Avô, o que você achou da gente?” Aí ele fez assim com os dedos [*a mão oscila entre o sinal de positivo e o de negativo*]: “Vocês são mais ou menos”... Quer dizer, a gente nunca achou que fosse assim [*faz o sinal de positivo*]. A

gente sabe que estamos sempre entre o muito ruim e o mais ou menos, com as nossas precariedades...

ER: Quando o plenário da ONU declarou 2019 como Ano Internacional das Línguas Indígenas, nós fizemos uma exposição e seminários, cujas falas foram organizadas em livro. Deixo um exemplar com você: tem as intervenções de Cris Takuá e de Carlos Papá, bem como artigos de outros autores sobre as línguas ameaçadas e fotos de Renato Soares.

AK: Conheço o trabalho do Renato Soares como fotógrafo, [*folheia o livro*] vejo que tem lindas imagens dele aqui, mas os textos eu não conheço não. Eu gosto muito das coisas que o Papá e a Cris têm feito, nós colaboramos juntos no Ciclo de Estudos Selvagem. Ela fala do desastre do Rio Doce, da perda do acesso à nossa água... Estou vendo aqui... Lindo, maravilha!

Eu vou te dizer uma coisa: nos últimos quinze anos a gente fez uma casa de alvenaria com cozinha. Não são todas as aldeias indígenas que têm cozinha, fogão, geladeira – nós estamos abaixo do IDH, aquele que mede quantas geladeiras, liquidificador, fogão tem para você ter IDH considerado elevado. Não tem nada disso, o costume indígena é não ter essas coisas. A Cris menciona os Maxacali e os Krenak. Nenhuma casa Maxacali inclui essa ideia de mobília, geladeira, fogão, não tem banco, não tem cadeira. Mas quando eu fui para a Ásia eu vi que lá também as pessoas não enchem a casa de mobília, as pessoas sentam no chão, em esteira, em tatame. Aqui no Brasil a gente tem essa fissura de encher a casa de mobília. Fico incomodado quando entro numa casa tropeçando em sofá, banco, cadeira, dá vontade de jogar tudo aquilo fora... Pois então, um dia eu cheguei com uma mala de livros em casa e a minha companheira, Irani, falou comigo: “Olha, para de botar livro pra todo lado, você põe livro em cima da pia, em cima do fogão; eu vou jogar esses livros fora, se você não



A alegria da gerente da Biblioteca Latino-Americana, Aparecida Guimarães, pelo autógrafa de Krenak em um de seus livros, que passam a compor o acervo de publicações latino-americanas.

Foto | Acervo do Memorial da América Latina

arrumar um lugar para eles”. Caramba, é mesmo! É um absurdo naturalizar que você vai chegar em casa com uma sacola de livros e botar livro em cima da mesa. Como eu ganho muitos livros, resolvi fazer uma biblioteca no quintal de casa, então eu não levo livro pra dentro de casa; é igual sapato, sapato deveria ficar lá fora. Sapato e livro devem ficar lá fora...

ER: *Eu queria ler um trecho do Davi Kopenawa sobre livros: “Os brancos se dizem inteligentes, não o somos menos, nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas, elas vêm de nossos antepassados, porém não precisamos, como os brancos, de peles de árvore para impedi-las de fugir da nossa mente, não tenho que desenhá-las como eles fazem com as suas (as palavras são desenhos), nem por isso elas irão desaparecer pois ficam gravadas dentro de nós.”*

AK: Por ocasião do lançamento desse livro, *A queda do céu*, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, o Davi pegou o microfone e falou: “Quero dizer a vocês que já escrevi esse livro e não vou escrever outro, não, porque eu não vou matar mais árvores. Obrigada”. Pensei: é a fala de autor mais resumida que já escutei. Mas é isso, é pele de árvore: para fazer um livro você tem que tirar a pele da árvore. É uma poética tão persistente e corajosa, a linguagem yanomami é de uma poesia maravilhosa.

ER: *Você é uma pessoa que começou a escrever ou lançar livros recentemente, mas desde o início a sua fala é bem poética – percebi isso ouvindo de novo, para conversar com você, aquele “Programa de índio”, reeditado como podcast pelo pessoal da Rádio Novelo. E me perguntei por que o Ailton Krenak nunca escreveu antes?*

AK: Fui muito publicado pelos outros e nunca tive essa ideia de mim mesmo sentado num lugar escrevendo. Até hoje eu não faço isso. Os três ensaios que lancei – *Ideias*

para adiar o fim do mundo, A vida não é útil e Futuro ancestral – consigo percebê-los como ensaios, mas eles nasceram de situações como essa que nós dois estamos tendo aqui: lembrando, contando caso, memorizando, fazendo comentários sobre eventos recentes... Eu desenvolvi essa natural capacidade de articular a tradição oral com alguma coisa pessoal só depois dos 40 e tantos anos de idade, porque antes eu estava muito mais interessado na fala. Falar e ser coerente com a fala, não me meter numa situação em que não conseguisse sair dela depois... Porque a oralidade tem disso... a oralidade tem essa parábola, ela precisa se constituir como uma parábola que tem começo, meio e – como diz o Nego Bispo – começo... Ela não pode se perder na linearidade, o texto permite isso. Isso não quer dizer que eu não me interesse pelo texto, leio Guimarães Rosa... Para ler Guimarães Rosa ou você presta atenção no texto ou não atravessa aquele cipoal de sentidos. Imagina o conto de Guimarães, *Meu tio o Iauaretê*⁵, em que ele faz a mágica de compor neologismos com sufixos indígenas, palavras sobre as quais Manuel Bandeira dizia que Rosa estava inventando uma língua. Bandeira leu inicialmente a história e disse “Você está inventando, isso não existe”. Imagina na época deles um acusar o outro de inventar uma palavra... Tem uma expressão na língua krenak, *amanguti* que significa comer. Guimarães pegou a palavra *amanguti* e botou ela numa onça. falando “*mangutai*”, “*mangutai*”, criando um verbo: “comerei você...”. O personagem, um indiozinho levado para uma fazenda para matar as onças, com o tempo vai virando onça de tanto caçá-las. E começa a falar uma língua de onça, mistura. Tem hora que parece uma pessoa, tem hora que é um bicho. O Papá⁶ seria capaz de ler *Iauaretê* e achar os fonemas do tupi, misturados com coisas que não seriam conhecidas fora do contexto do conto, palavras que só têm

⁵ ROSA, Guimarães. “Meu tio o Iauaretê” In *Estas histórias*. SP: Editora Global, 2020. O conto foi lançado inicialmente em 1961.

⁶ Carlos Papá Mirim Poty, líder espiritual e cineasta do povo Guarani Mbya.

sentido lá. Seria como se você tirasse partituras de uma partitura, fosse ao piano e tocasse: não vai pra lugar nenhum. Mas se elas estiverem na partitura... O Guimarães faz isso dentro da língua portuguesa: torce a língua portuguesa e mistura fonemas de línguas nativas, dos Krenak, dos Maxacali, dos Terena, dos Krahô, dos Karajá. É uma coisa maravilhosa. Parece que o menino comprado pelo fazendeiro e solto na fazenda como um bicho, para aprender a caçar onça, seria um menino Karajá que ficou sem família. Essa história dos indígenas que ficam sem família no Brasil não é brincadeira. Acaba o povo deles, só sobrevive um ou outro. Aqui em São Paulo tem muitas pessoas que, quando me encontram, perguntam: “Você podia me dar uma pista de onde eu sou?”. Eu falo: “Como assim?”. “Eu acho que meu bisavô era índio, tenho uma avó que acho que era índia”... Ficam essas pessoas perdidas no espaço e no tempo achando que o avô, a avó, o bisavô era indígena – durante muito tempo a política do Estado brasileiro foi desaparecer com essas pessoas, por isso quase sempre eles não sabem mais de onde vieram.

ER: *Darcy Ribeiro, em Os índios e a civilização, fala que, diante do rolo compressor da modernização, os indígenas estavam fadados a desaparecer, embora sempre haveria pessoas que se reconheceriam como indígenas e seriam reconhecidos como tal pelo outro, mas já sem as características originais, despojuados da sua cultura. Ele falou isso baseado nas pesquisas do Serviço de Proteção ao Índio. Aliás, numa conversa com Maureen Bisilliat, o fundador do Instituto Socioambiental, antropólogo Beto Ricardo, contou que, de volta do exílio nos anos 1970, Darcy Ribeiro procurava pessoas para ajudá-lo numa pesquisa. Bem jovem, Beto Ricardo foi para o Rio de Janeiro conversar com ele. Na conversa percebeu que Darcy considerava que os relatórios do Serviço de Proteção ao Índio, hoje Funai, deveriam embasar a pesquisa – mas já havia outras fontes e pesquisadores, não ligados ao governo, embrenhados na floresta e levam-*

tando informações sobre a realidade indígena. O site do Instituto Socioambiental reproduz texto em que a linguista Bruna Franchetto diz ter sido surpreendida pelos autodeclarados falantes de 276 línguas, no Censo 2010, enquanto os antropólogos trabalhavam com o número de 160 etnias no país. Ou seja, há um movimento de etnogênese no Brasil. Por que Darcy Ribeiro estava tão errado? Onde estavam os indígenas? Era uma estratégia de sobrevivência?

AK: Darcy não estava tão errado. Darcy Ribeiro se inseria em um contexto em que a antropologia tinha grandes mestres, como Lévi-Strauss, por exemplo. Se a gente disser que ele estava errado, porque era um estruturalista, era um evolucionista, a gente vai dizer que o Lévi-Strauss e toda a antropologia estavam errados. Cada tempo é capaz de assimilar novas compreensões e visões sobre o mundo. Os biólogos e os geólogos não achavam que a Terra fosse um organismo vivo. Eles achavam que era uma plataforma inerte, apesar de ela dançar. Logo a gente deveria cortá-la em pedaços. Essa noção incidiu sobre a formação de uma humanidade que quer comer a Terra, que quer predar o planeta como se o planeta fosse alguma coisa que a gente vai consumir, feito um panetone que no final do ano a gente come e acaba. E no ano seguinte, repete a dose. Então, essa ideia de que a gente pode comer a Terra e depois pode comer outra Terra, ficou pairando sobre a nossa cabeça. A gente não diz que os geólogos estavam errados, que os biólogos estavam errados. O Darcy não estava errado, o Darcy estava no tempo dele, falando coisas do tempo dele. Ele tinha uma paixão tão grande pelos povos indígenas que ele queria, na verdade, imaginar um futuro para aquelas pessoas que estavam desaparecendo, que fossem ressurgir no povo brasileiro – no livro *O povo brasileiro*, Darcy reivindica a existência do que ele chama de uma América Latina indígena. Os povos indígenas iam desaparecer e depois reaparecer de outra forma. Ou seja, é

coerente quando ele diz que esse povo ia perder suas particularidades étnicas, mas ia se constituir numa super nação de povos transfronteiriços. Darcy queria construir uma narrativa, uma cosmovisão que em si é uma coisa futurista, que larga essa ideia atávica de passado e inventa um futuro maravilhoso. O Darcy é assim, o Darcy é carnavalesco. Claro, pra ele a vida deveria sempre terminar numa festa de arromba.

ER: *E você acha que a gente está nesse caminho, pensando na América Latina?*

AK: Não. É uma pena a gente olhar o que está acontecendo na América Latina hoje, que contraria estes painéis do Salão de Atos do Memorial e põe em questão o sonho de um parlamento latino-americano, onde os povos da América Latina deveriam ter suas representações circulando entre as fronteiras nacionais e nos tornando uma grande pátria... Se bem que não acredito em pátria, não tenho pátria – tenho é mátria, sou do matriarcado de Pindorama. Me interessa o matriarcado, não estou nem aí para o patriarcado. Aliás, o patriarcado já deu. Essas imagens [*e aponta os personagens dos painéis do Salão de Atos Tiradentes*] que edificam o lugar do patriarcado são colonialistas, elas são uma insistência num modo errado de constituir mundo: foi o patriarcado que imprimiu a marca mais dolorosa no mundo que é expressa por aquele monumento que está lá na praça, com aquela mão furada, essa reincidência da violência, da guerra, de resolver as coisas na porrada. As mulheres têm outra maneira de administrar conflitos. A gente deveria pensar numa América Latina onde a matriz étnica indígena inspirasse um matriarcado. Olha esses países que ganharam o nome de Bolívia, Colômbia, Equador, Peru – todos são marcas espanholas. Por que a gente não nomeia esses lugares de Pachamama? A Pachamama não tem nada a ver com essas fronteiras artificiais. De vez em quando vejo o pessoal fazendo um elogio aos libertadores, San Martín, Bolívar... Mas

esses caras vieram imprimir aqui as fronteiras europeias, vieram criar colônias, eles são colonialistas; eles gostavam de fardas, eram militares, todos tinham uma espada na mão. Essa marca conflita com a ideia de generosidade e de compartilhamento que os povos dos Andes chamam de *bien vivir*, uma experiência de integração com a vida em termos não humanos. Não somente com os humanos, é uma gentileza com a montanha... Na semana em que fui a uma região do Equador, eles estavam fazendo festa para duas montanhas. As lhamas estavam enfeitadas, os balaios cheios de comida, arranjos de flores no pé das montanhas, tinha cantos e danças pra celebrar – me disseram que as duas montanhas eram um casal, uma montanha feminina e uma masculina. Elas eram celebradas pelo povo que vivia ali com uma festa, assim como a gente tem a sagração da primavera. Olha que cosmovisão mais gentil, que integra à vida outros organismos que não são humanos. A vida não é uma exclusividade dos humanos, a vida está em tudo – essas cosmovisões inspiram a América Latina hoje. Essas cosmovisões disputam território com uma ideologia colonialista representada pelos herdeiros do Bolívar e do San Martín. Os herdeiros deles são os caras que querem governar a América Latina e entre eles tem pessoas de uma índole muito ruim.

ER: *Eles mantêm essa ideia viva do desenvolvimento...*

AK: O desenvolvimento é, na verdade, passar o rodo em cima da nossa memória e transformar tudo em uma monocultura. É isso que esses caras querem fazer. Se a gente não se erguer e levantar a nossa voz eles vão transformar a gente numa platitude, numa planície triste. A gente tem que denunciar, tem que reagir contra essa ideologia colonialista, a gente não pode fazer um elogio a isso como se fosse bom para todo mundo porque é muito excludente. Mesmo São Paulo, essa capital da América Latina, que é potente, é pujante na sua capacidade



Krenak fala da violência do patriarcado impressa nas imagens do *Painel Tiradentes*, de Portinari. “Olha quanto corpo sacrificado, esses corpos todos martirizados, sacrificados em nome do quê?”.

Foto | Acervo do Memorial da América Latina

Sessão de abertura da Cátedra CBEAL 2024: o presidente do Memorial e o diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina recebem Beatriz Perrone-Moisés e Ailton Krenak.

Foto | Acervo do Memorial da América Latina



de produzir riqueza e tudo, mas ela produz uma riqueza desigual. Você tem muita gente trabalhando para construir, edificar uma imagem de sucesso às custas da vida de milhões e milhões de pessoas. A gente tá vendo aquele painel do Portinari, nós não precisamos ir muito longe, o painel está ali, olha quanto corpo sacrificado, esses corpos todos martirizados, sacrificados em nome do quê? Em nome da grana, em nome do PIB. Eu não conheço ninguém que come beiju, comem banana, comem pão, comem mamão, comem tapioca, comem peixe, comem caça, mas ninguém come PIB. Mas esses caras querem construir PIB...

ER: *Promulgada em 2008, o Equador tem na sua constituição o território como um ser de direitos. É verdade que esse preceito não é aplicado como se gostaria, inclusive há atualmente conflitos sérios entre as organizações indígenas e o governo. Além disso, as mineadoras atuam lá de forma predadora, como aqui. No livro Futuro ancestral você fala que precisamos pensar em uma nova constituição. Você, que atuou bastante na constituição de*

1988, como enriqueceria com sua experiência acumulada uma nova constituição?

AK: O Equador teve a coragem de fazer isso. No contexto político da época os povos originários tiveram participação muito ativa, porque foram eles que criaram a descontinuidade de governos latifundiários rendidos às petroleiras e à mineração, e obrigaram a uma convocatória. Aquela convocatória elegeu um novo governo e convocou uma nova constituinte. O Equador fez então uma constituição em que a Terra foi nomeada sujeito de direito, o planeta Terra, isso que chamam de natureza. Eles introduziram os direitos da natureza num texto da constituição. Assim como a Bolívia tem uma constituição plurinacional, que acabou com esse negócio de diferença de direitos entre os povos: é uma nação pluriétnica, e as línguas indígenas e a língua hispânica, todas essas línguas são oficiais; no Equador também o quéchua é língua oficial, assim como o castelhano. No Brasil a gente ainda tem essa coisa de a língua portuguesa operar como uma espécie de único mecanismo de integração

nacional e de articulação da nossa identidade. Quando entrei na Academia Brasileira de Letras eu disse: “Sei que a ABL tem o papel de difundir a lusofonia, edificar a língua portuguesa no mundo inteiro. Eu vim pra cá provocar uma sinfonia, porque vou trazer as línguas indígenas”. E me aventurei inclusive a dizer que ia levar 305 línguas, a Bruna Franchetto falou que são 276, então ainda falta descobrir as outras... Mas é sobre isso que a gente está falando. Nós estamos falando sobre quebrar a hegemonia da própria história colonial que institui que as línguas da América Latina são o espanhol e o português. Se o Brasil tem 276 línguas, a América Latina tem muito mais, provavelmente mais de mil idiomas. O México tem o Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas (INPI), uma coisa muito importante porque publica contos de grandes autores nas línguas nativas – as línguas indígenas têm gramática e já faz muito tempo que elas são ensinadas nas escolas. Já vi o romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, em tzotzil... Se seria possível ler um conto de Guimarães Rosa em ma-xacali, em krenak, em guarani, por que a



gente não tem? Porque no Brasil foi negligenciada a riqueza linguística em favor da língua portuguesa. São capazes de pegar as histórias indígenas e publicá-las em português, mas não são capazes de publicar as histórias indígenas nas línguas nativas e difundir as línguas nativas no meio das nossas diferentes comunidades. E eu não estou sugerindo que a língua nacional seja uma língua nativa...

ER: *Como o Lima Barreto fez?*

AK: Sim, o Lima queria que fosse o tupi. Radical. Até o século XVIII, aqui em São Paulo, todo mundo falava tupi nas ruas, você sabe disso. Na Rua Direita, por exemplo, as pessoas falavam tupi. Ou francês. E depois o português. O português era a terceira língua.

ER: *Você termina o livro Ideias para adiar o fim do mundo com a ideia de que, já que estamos condenados ao abismo, vamos pelo menos tentar construir paraquedas coloridos... Ultimamente tive a impressão de que houve uma aceleração do tempo. A gente se vê diante*

de uma realidade que se imaginava acontecer só lá na frente, em algum momento indefinido. Os paraquedas ainda podem ser coloridos ou chegamos a um ponto sem retorno?

AK: A imagem dos paraquedas coloridos se articula com uma ontologia em que a vida não é limitada ao casulo do humano. A ideia de finitude – “Ah, fulano morreu, que tristeza...” – pode ser percebida de outra maneira. Tem referência àquela ideia da dança cósmica. Se nós estamos em movimento com a vida, dentro da biosfera do planeta Terra, tanto faz se eu vivo 100 anos, 20, 30 ou 200, sendo árvore, peixe, planta, borboleta, lagarta... Ando falando sobre isso com Emanuele Coccia, um professor da universidade em Paris com quem tenho me encontrado ultimamente e com quem criei as “Conversas na rede” que estão no Youtube. Em uma dessas conversas Emanuele diz que a lagarta que a gente vê comendo folha, a lagartona que fica lá comendo folha, comendo folha... tem uma hora que ela para. Aquela máquina de devorar folha para, vai para o casulo e fica lá se metamorfoseando, até

que sai dali uma borboleta performando. A borboleta não lembra que foi lagarta e aquela lagarta comilona não atina que vai ser borboleta. Essa imagem que Emanuele usa para explicar a metamorfose é de uma poesia maravilhosa porque qualquer um entende do que se está falando. É sobre a gente estar aqui, agora, falando e não estar mais daqui a pouco, estar fazendo qualquer outra coisa em qualquer lugar – sendo uma experiência de queda, livre de culpa e sem medo. Porque as pessoas vivem com medo. O paraquedas colorido é como se fosse um dispositivo para zerar o medo. Quanto mais você despenca, mais você zera o medo. Até que o medo se extingue. É isso, né? Pelo menos é isso que eu ofereço para as pessoas como poética de produzir mundo. E não de desistir do mundo. Eu digo que essa narrativa de desistir do mundo é maldosa, porque tem gente que quer controlar o mundo. Tem gente que quer fazer um foguete, ir para Marte, montar um condomínio em Marte só para a turma dele e a gente que se dane. Então se a gente está diante desse tipo de distopia, nós temos a potência e a capacidade de

externar utopia – paraquedas coloridos é utopia, é um convite.

ER: A psicanalista junguiana Amneris Marone, professora da Unicamp, comentou sobre sua conversa com Nastasya Martin que o animismo foi recalçado pela modernidade, foi colocado embaixo do tapete. Mas agora ele está aflorando, não só aqui, porque o projeto moderno, racional, está falido.

AK: Sim, o racionalismo não está dando conta de responder a tanto aperto, a tanta diluição. Você disse que a gente está vivendo uma aceleração. Estamos mesmo. Eu concordo com você. Recebi um convite do fundador da escola Schumacher da Inglaterra, o indiano Satish Kumar, autor de *Small is beautiful*, obra que foi referência para a discussão de economia e a ideia de desenvolvimento nos anos 80, a ideia de que podia ser menor, não precisava ser gigante. Tem muitas marcas que a gente conheceu quando eram modestas e que hoje viraram monstros e estão comendo o mundo. Nem vou citar o nome de nenhuma delas porque são tão perigosas... Mas desde uma caixa de fósforo até um potinho de comida para nenê, tudo virou gigante. É preciso dizer que atrás daquele potinho inocente de papinha para crianças tem trabalho infantil em condições análogas à escravidão, invasão de territórios, uso da água de maneira excessiva. Mas eles se apresentam na forma de fraldinhas, lencinhos para o nariz e papinha para nenê... Essa é a fantasia social deles para engabelar a gente. O modo de eles operarem no mundo é predador. É por isso que estamos com os oceanos cheios de plástico – me disseram que 97% de nossas praias estão com polímeros, ou seja, quando você mergulha para tomar um banho, você mergulha em polímeros, em microplásticos...

ER: Sim, em muitos casos, os próprios alimentos são regados com água com essa contaminação...

AK: Sim, a água do mar, a água do rio.

Nós não temos mais rio no qual tomar a água, a maioria está poluída. Esse modo de predação a vida no planeta está acelerando nosso sentimento de tempo, mas ele não tem nada a ver com o tempo. O tempo continua tendo a extensão que cada cultura experimenta. Observei tantas diferenças de modos de viver no mundo que concluí que a ideia de tempo é uma convenção. A gente poderia ficar conversando aqui indefinidamente, sem saber que horas são. Eu já estive numa ilha no sul do Japão, Okinawa, com o fotógrafo japonês Hiromi Nagakura. Foi como se eu tivesse atravessado um portal do tempo: fiquei no meio daquelas comunidades com pessoas que não estavam nem aí com o tempo. Eu me apaixonei por eles. Você ia almoçar na casa de alguém e aquilo durava o dia inteiro, peixe, lagosta, verdura, legumes, cogumelos... as coisas que aquela ilha tem. Aquelas pessoas ainda podem ficar na delas. Lá tem um pequeno aeroporto, mas se você quiser também pode sair de canoa, tem aquele mundo, aquele mar... Se você despençar naquele mar, descendo, descendo, você vai parar naquele Triângulo Dourado, como se você tivesse descendo pra China, lá pra baixo. Então dá uma sensação boa de abismo, sem limites... Conheci um senhor que tocava um instrumento chamado *sanshin*, parece uma viola, tem um braço comprido, afinação maravilhosa, quatro cordas. Eles ficam bebendo saquê, cantando... O tempo se dilui, não se tem a sensação opressora do tempo de São Paulo, Nova York, Tóquio. Talvez a gente devesse aprender a fazer esse exercício de dilatar o tempo, parecido com a ideia de suspender o céu: quando se está em um tempo e uma paisagem que oprimem, imaginar esse exercício de suspender o céu.

ER: Como a gente faz isso?

AK: Cantando, dançando... Essas maravilhosas publicações que você me deu têm

imagens de rituais e de festas, você pode ter certeza que são exercícios de suspender o céu. Mencionei a festa para as duas montanhas, tem a cerimônia para o Sol, a Inti Raymi... Todos conhecem o poder que elas têm de suspender o céu. Os meus parentes Waiwai usam uns adornos, uma tiara fininha na cabeça com quatro plumas que são esteios do céu, eles têm a firme confiança de que aquelas plumas delicadas suspendem o céu quando eles estão fazendo o ritual. São poéticas de vida. Mais que um exercício intelectual, são poéticas de existir. Às vezes você vê um sujeito vivendo numa calçada, dormindo em cima de uma placa de papelão e olha como se fosse uma coisa, uma desumanidade aquilo. Mas aquele ser, aquela pessoa pode estar habitando mundos que você jamais conseguiria chegar, porque são poéticas de habitar o mundo. Não é um elogio à estética da miséria, não é a sacanagem de dizer “Deixa, eles estão muito bem”. Eles não estão muito bem, eles são resultado de uma sociedade cruel, que joga as pessoas no esgoto. Mas tem seres humanos que são capazes de, naquele lugar, viver uma dimensão poética inacessível por gente normal. Tudo que parece normal para a gente é uma monocultura – não existe um lugar único de se estar bem. O equívoco que os brancos cometeram quando olharam a vida dos povos nativos no continente americano é achar que eles tinham que nos preparar para a vida. Mas a gente estava vivendo uma vida muito melhor que a deles...

Eduardo Rascov | Editor de Nossa América, escritor e pesquisador do Prolam/USP





Nossa América comemora os 35 anos do Memorial com o depoimento urgente do pensador Ailton Krenak, a sofisticada pesquisa sobre os imaginários urbanos do filósofo Armando Silva, o pensamento arquipélago do caribenho Édouard Glissant, a cartografia poética de memória negra de Pedro Martins, as homenagens de Ciro Pirondi a Vallandro Keating e de Maristela Debenest a Poty, o traço latino-americano sob JAL e os planos porvir.

**O PASSADO,
O PRESENTE,
O FUTURO**



MEMORIAL



CULTSP

Secretaria da  **SÃO PAULO**
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO